

Uma psicologia do embranquecimento: colorismo e cálculo pragmático da despigmentação sob a ótica da teoria das representações sociais¹

A psychology of whitening: colorism and the pragmatic calculus of depigmentation from the perspective of social representations theory

FÁBIO LUIZ NUNES

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG
fabio.nunes.fln@cefetmg.br
<https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>

JUSSARA BIAGINI

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP
jubiagini@cefetmg.br
<https://orcid.org/0000-0002-4156-8677>

CHARLES, Christopher A. D. **The psychology of skin bleaching**: motivations, behavior, and consequences. New York (Estados Unidos da América): Routledge, 2025. 144 p. ISBN: 978-1-032-97480-4.

Palavras-chave: Clareamento de pele. Colorismo. Representações sociais.

Keywords: Skin bleaching. Colorism. Social representations.

A contínua vigência de uma hierarquia de cor nas sociedades atuais orienta práticas e sentidos que, sutilmente, forjam subjetividades. Longe de se resumirem a incidentes dispersos, processos de exclusão social baseados na raça e na fenotipia desenvolvem-se como vetor estruturante capaz de gravar marcas profundas na vida psíquica e reconfigurar mecanismos de enfrentamento de sujeitos subalternizados, processo descrito por teóricos que identificam a introjeção da inferioridade e a busca pela branquitude como táticas de sobrevivência em ambientes hostis (Clark, 1988; Cross Jr., 1991; Fanon, 2008). Tal fundamento ampara a proposta principal de *The psychology of skin bleaching: motivations, behavior, and consequences* (editora Routledge, 2025), obra que evita a interpretação da despigmentação voluntária como uma peculiaridade clínica, mas como cálculo pragmático em um contexto de pigmentocracia. Inédito em língua portuguesa, o livro estrutura-se em dez capítulos que

¹ Recebido em 12/04/2026. Aprovado em 02/05/2026.



atravessam a historiografia da cor, a cultura popular e as políticas públicas. Seu autor, o acadêmico jamaicano Christopher A. D. Charles, cujo falecimento ocorreu em outubro de 2025, era professor titular de Psicologia Política e Social na University of the West Indies (UWI) e doutor pela City University of New York (CUNY), tendo consagrado sua trajetória à investigação da identidade negra e da violência no Caribe.

Na seção introdutória e no primeiro capítulo, intitulado “Social representations”, Charles (2025) problematiza a atribuição do clareamento de pele exclusivamente a fenômenos de auto-ódio, propondo a *teoria das representações sociais*, de Serge Moscovici, como base teórica para interpretar as motivações culturais e históricas que sustentam essa prática. Para aquele psicólogo romeno, as representações sociais operam como sistemas de valores, ideias e práticas com dupla função: estabelecer uma ordem que permita aos indivíduos orientarem-se em seu mundo material e social, e possibilitar a comunicação entre os membros de uma comunidade (Moscovici, 2007). A partir disso, o autor resenhado detalha componentes como história, difusão, identidade, institucionalização e interação dialógica para explicar que significados racializados são compartilhados e transformados em conduta. Esse processo de transformação de um conhecimento científico ou ideológico em senso comum, especificamente no que se refere à valorização da pele clara, exemplifica os mecanismos de ancoragem e objetivação descritos como essenciais para a familiarização do estranho segundo a teoria das representações sociais (Moscovici, 2007).

No que tange ao segundo capítulo, “Race and skin color in the past and present”, o texto mergulha na genealogia da estratificação racial e da pigmentação, do período colonial até a contemporaneidade, utilizando o contexto jamaicano como caso paradigmático da persistência de hierarquias baseadas no fenótipo (Charles, 2025). Esse resgate histórico corrobora a percepção de que o *colorismo*² funciona como um processo de estratificação distinto, embora intrinsecamente ligado ao racismo, privilegiando sujeitos de pele clara em diversas esferas sociais, como renda, educação e casamento (Hunter, 2013). Charles (2025) sustenta que o “homem dominado” da colônia persiste na conjuntura pós-colonial, mantendo a tensão entre valores eurocêntricos e afrocêntricos. Esse fenômeno acompanha um padrão global no qual uma hierarquia baseada no tom de pele permanece consistente, associando a pele clara à modernidade e à desejabilidade, ao passo que a pele escura é depreciada. Trata-se de uma configuração que põe em causa as rígidas fronteiras entre raça e cor, muitas vezes delineadas

² Para os propósitos deste manuscrito, entende-se o colorismo como um processo de discriminação que privilegia sistematicamente indivíduos de pele clara em detrimento daqueles com pele mais escura, distinguindo-se do racismo por focar na tonalidade da pele em vez da identidade racial ou étnica (Hunter, 2007).

em contextos anglo-saxões comparativamente aos latino-americanos e caribenhos (Dixon; Telles, 2017).

Já no terceiro capítulo, “The global practice of skin bleaching”, a investigação amplia seu escopo geográfico para demonstrar a universalidade do fenômeno na África, na Ásia, na Europa e nas Américas, impulsionado pelas indústrias farmacêutica e cosmética que, segundo Charles (2025) mercantilizam a branquitude. Essa expansão global do mercado coaduna-se com a noção de *capital racial*, por meio da qual a alteração estética representa uma estratégia para adquirir benefícios sociais e econômicos em uma economia globalizada, muitas vezes encorajada por corporações multinacionais que promovem uma “ilusão de inclusão” à medida que reforçam padrões de beleza hegemônicos (Hunter, 2013). Do mesmo modo, Charles (2025) apresenta dados com os quais refuta a hipótese de baixa autoestima entre os adeptos do embranquecimento na Jamaica,³ insinuando que o comportamento resultaria da internalização de normas coloristas, e não de uma eventual psicopatologia. De acordo com Dixon e Telles (2017), a multibilionária indústria de clareamento de pele ilustra a convergência entre a consciência de cor e a supremacia branca, fato que transforma a preferência fenotípica em uma mercadoria globalizada, relativamente independente de identidades raciais específicas.

Denominado “Skin bleaching in colonial and postcolonial newspapers”, o próximo capítulo debruça-se sobre a trajetória histórica das representações sobre a cor da pele por meio de arquivos jornalísticos, especificamente o *The Gleaner*, um periódico jamaicano, abrangendo o período colonial e a era contemporânea (Charles, 2025). Nessa seção, o autor demonstra que os anúncios publicitários, desde a década de 1950, têm associado a pele clara ao sucesso romântico e à ascensão social, pelo que se estabelece um continuum histórico de valorização da pigmentação leve que reverbera nas mídias digitais atuais. Essa perpetuação de hierarquias cromáticas aproxima-se, como o leitor poderá notar, da tese de que o colorismo se organiza como um sistema de estratificação duradouro, no qual a pele clara funciona como capital social e econômico, independentemente das alterações políticas formais (Hunter, 2007). No quinto capítulo, “Skin bleaching, race, and skin color in popular culture”, a obra se dedica a produtos culturais como o *reggae*, o *dancehall*, a poesia e o romance caribenho, identificando, na dinâmica dessas práticas culturais, um campo de tensão entre valores eurocêtricos e

³ O clareamento de pele consiste na utilização de agentes químicos, variando de produtos dermatológicos e cosméticos a preparações caseiras contendo substâncias como hidroquinona, mercúrio ou corticosteroides, com o objetivo de inibir a melanina cutânea. Charles (2025) exemplifica o processo por meio de regimes complexos adotados pelos praticantes, que incluem a combinação estratégica de diferentes cremes e géis, a aplicação repetitiva e o uso de indumentária protetora excessiva (técnica denominada *cloaking*) para induzir a transpiração e bloquear a radiação solar, visando acelerar a despigmentação.

afrocêntricos (Charles, 2025). Menciona o autor que, enquanto vertentes do dancehall celebram o clareamento como moda, vozes afrocentradas contestam essa norma, fenômeno que põe em evidência a comercialização da beleza globalizada em seus atravessamentos culturais.

“Creating the self: race, skin color, and identity” é o sexto capítulo. Nele, a investigação dirige-se para a subjetividade dos praticantes do embranquecimento, fazendo uso de entrevistas para compreender como indivíduos constroem sua identidade racializada. Os relatos indicam que a motivação para o clareamento não advém exclusivamente de patologias mentais ou do auto-ódio, mas sim de uma negociação racional visando a benefícios estéticos e sociais, como a atração de parceiros e a inserção no *mainstream* local. Charles (2025) compreende que esses sujeitos exercem uma “personalidade complexa”, administrando riscos de saúde conhecidos em prol de vantagens percebidas, o que desafia leituras simplistas sobre a prática. Tais achados dialogam diretamente com estudos anteriores que não encontraram níveis significativos de perturbação da imagem corporal entre praticantes de clareamento na Jamaica, sugerindo que o comportamento, embora fisicamente arriscado, não denota necessariamente sofrimento psicológico severo ou dismorfia; trata-se, na verdade, de uma resposta adaptativa a normas sociais vigentes (Charles; McLean, 2017).

“Skin bleaching as established social practice”, o sétimo capítulo, faz um exame da comercialização ostensiva de produtos despigmentantes em Kingston, capital da Jamaica, denunciando que a interação rotineira entre vendedores e consumidores normaliza a prática, transformando-a em um costume socialmente validado, a despeito de sua ilegalidade. Essa é uma observação *in loco* que materializa a ideia moscoviana de *objetivação*, segundo a qual conceitos abstratos sobre raça e beleza se concretizam em transações econômicas concretas e rituais cotidianos (Moscovici, 2007).

No oitavo capítulo, “Musings on the politics of race and skin color”, o autor navega pelas narrativas de sujeitos que não aderem ao clareamento, por meio das quais identifica representações polêmicas sobre o legado da escravidão e a persistência de hierarquias de cor em instituições como a família e a polícia (Charles, 2025). Ainda que esses sujeitos frequentemente atribuam o clareamento a psicopatologias, reconhecem a eficácia social da pele clara, uma dualidade que também se acha apontada, por exemplo, em pesquisas brasileiras, segundo as quais a pressão para o embranquecimento é vista como um mecanismo de enfrentamento (potencialmente deletério) da discriminação, coexistindo com estratégias de resistência e afirmação da negritude (veja, a esse respeito, Santos *et al.*, 2020). Por fim, no nono capítulo, “Some policy suggestions in response to skin bleaching”, Charles (2025) propõe intervenções estatais e educacionais, o que inclui a regulação alfandegária de produtos

cosméticos e o engajamento de celebridades negras, medidas que visam dismantelar a infraestrutura ideológica do que se classifica como *racismo de mercadoria*, um sistema global que historicamente vinculou a limpeza e a civilidade à branquitude através da publicidade e do consumo (Blay, 2011).

Ante a exposição do conteúdo da obra, o leitor poderá se certificar de que a obra de Charles (2025) representa um avanço na compreensão psicossocial do embranquecimento de pele, afastando-se do reducionismo patológico em favor de uma análise crítico-cultural satisfatoriamente responsável. É preciso, porém, mencionar que, quando se examina o texto sob a ótica da teoria original das representações sociais, nota-se que a apropriação dos conceitos de Moscovici (2007) por vezes oscila entre a descrição de crenças compartilhadas e a dinâmica processual de constituição da realidade (o universo consensual em oposição ao reificado). Moscovici (2007) defende que as representações não são um mero reflexo da realidade: elas a constituem. Nesse sentido, Charles (2025) certamente poderia ter aprofundado a investigação sobre de que formas o ato físico de clarear a pele reorganiza a própria representação da negritude em tempo real, para além da motivação.

Além disso, em estudos anteriores (Charles, 2003), o autor jamaicano postula a tese da ausência de baixa autoestima como principal dinâmica psicossocial para rejeitar a teoria do auto-ódio; nesse contexto, o autor navega perigosamente próximo de racionalizar excessivamente uma prática que, para Hunter (2013), possui consequências materiais devastadoras e perpetua sistemas de desigualdade intrarracial que não podem ser mitigados somente pela ressignificação individual de “moda”. Hunter (2013) alerta para o *paradoxo da cor da pele*, em que as desigualdades materiais baseadas na cor persistem a despeito da coesão política da população negra, o que sugere que a “escolha” pelo clareamento, mesmo que não seja patológica no sentido clínico, é uma coerção estrutural travestida de agência estética. Em todo caso, a obra é relevante por consolidar o aspecto essencialmente social do embranquecimento e por humanizar seus praticantes, mas deixa em aberto a tensão não resolvida entre a agência criativa do sujeito e as violências simbólicas do sistema ao qual está submetido.

REFERÊNCIAS

- BLAY, Y. A. Skin bleaching and global white supremacy: by way of introduction. **The Journal of Pan African Studies**, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 4-46, 2011.
- CHARLES, C. A. D.; MCLEAN, S. M. Body image disturbance and skin bleaching. **British Journal of Psychology**, [s. l.], v. 108, p. 783-796, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/bjop.12241>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- CHARLES, C. A. D. Skin bleaching, self-hate, and black identity in Jamaica. **Journal of Black Studies**, [s. l.], v. 33, n. 6, p. 711-728, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0021934703033006001>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- CHARLES, C. A. D. **The psychology of skin bleaching**: motivations, behavior, and consequences. New York (Estados Unidos da América): Routledge, 2025.
- CLARK, K. B. **Prejudice and your child**. 2. ed. Middletown (Estados Unidos da América): Wesleyan University Press, 1988.
- CROSS JR., W. E. **Shades of black**: diversity in African-American identity. Philadelphia (Estados Unidos da América): Temple University Press, 1991.
- DIXON, A. R.; TELLES, E. E. Skin color and colorism: global research, concepts, and measurement. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 43, n. 1, p. 405-424, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-060116-053315>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- FANON, F. **Black skin, white masks**. Trad. Richard Philcox. New York (Estados Unidos da América): Grove Press, 2008.
- HUNTER, M. The persistent problem of colorism: skin tone, status, and inequality. **Sociology Compass**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 237-254, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2007.00006.x>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- HUNTER, M. The consequences of colorism. In: HALL, R. E. (ed.). **The melanin millennium**: skin color as 21st century international discourse. Dordrecht (Países Baixos): Springer, 2013. p. 247-256. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-007-4608-4_16. Acesso em: 11 dez. 2025.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- SANTOS, S. S. *et al.* Parecer branco para não ser discriminado? Revisão sistemática sobre estratégias de embranquecimento. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul (RS), v. 4, n. 2, p. 114-130, 2020. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/psi/article/view/14829>. Acesso em: 11 dez. 2025.